

Novos rumos

PURPURADOS EM *apuros*

NA LONGA HISTÓRIA DAS **ESCOLHAS DO LÍDER DA IGREJA CATÓLICA**, HÁ CAPÍTULOS INUSITADOS, COMO O CONFINAMENTO EM CUBÍCULOS SEM BANHEIRO OU O RACIONAMENTO DE COMIDA PARA APRESSAR O RESULTADO DO **CONCLAVE**

Ficar confinado no Vaticano, sem comunicação com o mundo externo, pode ser uma missão extenuante para os 133 cardeais que, desde ontem, votam para escolher o próximo pontífice. Longas horas de trabalho na Capela Sistina, como foi ontem, no primeiro dia de conclave, quando a fumaça indicando que ainda não *habemus papam* saiu, insolitamente, uma hora e meia depois do esperado, soam torturantes, considerando a idade avançada da maioria dos príncipes da Igreja. Porém, a história mostra que o isolamento é pouco perto do que os antecessores dos atuais purpurados enfrentaram: de racionamento de comida a três anos de votação.

A ideia de confinar cardeais para acelerar a escolha do papa remonta ao século 13. Em 1241, vendo que a eleição se arrastava, o chefe do governo de Roma trancafiou os cardeais em um prédio em ruínas e se recusou a limpar os banheiros ou permitir que os médicos tratassem os doentes.

Segundo Frederic Baumgartner em *A History of the Papal Elections (História das Eleições Papais*, em tradução livre), os cardeais só tomaram uma decisão quando um deles morreu e os romanos ameaçaram exumar seu corpo. Após 70 dias, eles chegaram a um acordo e Goffredo Castiglioni tornou-se Celestino IV.

Mas o conclave mais longo ocorreria depois da morte de Clemente IV, em novembro de 1268, no palácio papal de Viterbo, perto de Roma. Foram três anos de indecisão. No fim de 1269, os cardeais concordaram em se isolar e, em junho de 1270, os habitantes frustrados removeram o telhado para acelerar o processo. Afinal, era inverno. A



Soldados da Guarda Suíça na entrada da Capela Sistina, antes do fechamento da porta, reaberta apenas após o fim da eleição

inspiração para o ato, aparentemente, veio de um purpurado inglês, segundo quem, "sem um teto, o Espírito Santo desceria mais livremente". Teobaldo Visconti tornou-se papa Gregório X em setembro de 1271.

O último conclave longo foi em 1831, quando levou mais de 50 dias para eleger Gregório XVI. Desde então, o processo dura menos de uma semana. O mais extenso do século 20 aconteceu em 1922, quando Pio XI foi eleito após 14 rodadas de votação,

em cinco dias. As últimas eleições foram concluídas em dois dias: Bento XVI precisou de quatro rodadas de votação em 2005 e Francisco de cinco em 2013.

Pomba

Nos primeiros tempos de cristianismo, mais precisamente em 236 d.C., a comunidade cristã em Roma debatia possíveis candidatos papais quando uma pomba branca pousou na cabeça de um espectador, Fabiano. "Naquele momento, todos,

como se movidos por uma única inspiração divina, gritaram com entusiasmo e de todo o coração que Fabiano era digno", segundo Eusébio, um historiador da Igreja da época. Mas essa bênção terminou mal. O imperador romano Décio o perseguiu e o executou 14 anos depois.

Também nos primórdios do catolicismo, o clero e a nobreza romana escolhiam os papas, mas as votações eram frequentemente fraudadas. Uma das eleições mais infames ocorreu em 532, após a

morte de Bonifácio II, com "subornos em larga escala de funcionários reais e senadores influentes", segundo P.G. Maxwell-Stuart em *Chronicle of the Popes (Crônica dos Papas*, em tradução livre). No fim, o escolhido foi um padre comum, Mercúrio, o primeiro a mudar seu nome de nascimento, optando por João II.

Dieta

Em resposta ao caos que antecedeu sua eleição, Gregório X mudou as regras: ele exigiu que

os cardeais se reunissem 10 dias após a morte do papa e ordenou que os alimentos fossem racionados progressivamente. Se nenhuma decisão fosse tomada dentro de três dias, as refeições consistiriam em apenas um prato principal, um dos dois tradicionais na Itália. Depois de cinco dias, eles teriam apenas pão, água e vinho, de acordo com o livro *Conclave*, de John Allen.

Os conclaves foram realizados durante séculos no Palácio Apostólico do Vaticano e, desde 1878, de forma ininterrupta na Capela Sistina, que já sediou outros no passado. Os cardeais dormiam em catres dentro de cubículos temporários, com um banheiro para cada 10 cardeais, segundo o livro de Allen.

Essa tradição foi longa. Em agosto de 1978, além do desconforto dos catres e do banheiro dividido, os cardeais tiveram de aguentar um calor insuportável. As janelas foram cerradas e uma revolta eclodiu entre os purpurados, que exigiram que elas fossem abertas em meio ao verão quente no Vaticano.

João Paulo II, eleito em um segundo conclave realizado em outubro daquele ano, ordenou então a construção da Residência de Santa Marta nos jardins do Vaticano, onde os cardeais atualmente residem. A casa, onde Francisco escolheu morar, tem quase 100 suítes e cerca de 20 quartos individuais. Porém, durante o conclave, as janelas também são fechadas.

Também João Paulo II inovou em 1978, servindo champanhe aos cardeais e cantando canções folclóricas polonesas após aparecer diante da multidão na Praça de São Pedro. A famosa bebida francesa foi oferecida por Bento XVI em um jantar de 2005, após sua eleição.

AS MUITAS *missões* PAPAIS

» PALOMA OLIVETO

Desde que São Pedro assumiu a liderança da Igreja Católica, em 33 d.C., a figura do pontífice gera amor ou ódio, mas, jamais, indiferença. "O papa deve significar algo para você, mesmo que você revire os olhos ao mencionar seu nome", define Miles Pattenden, professor de história na Universidade de Oxford, no Reino Unido, e especialista em papado.

Além de pastor da religião com maior número de fiéis no mundo — 1,4 bilhão —, o papa é chefe de Estado, o Vaticano. Trata-se do menor "país" do mundo, com apenas 44 hectares. Como governante absoluto, o pontífice exerce os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e cabe a ele receber presidentes, primeiros-ministros e monarcas na Santa Sé, uma entidade soberana perante o direito internacional.

"O papa também é um monarca. Ele é o chefe de governo do

Estado da Cidade do Vaticano, que tem uma história muito longa", diz Kathleen Comerford, professora de história do catolicismo na Universidade Georgia Southern, nos Estados Unidos. "Ele é um dos poucos monarcas eleitos na história, sendo responsável por decisões financeiras e políticas. Também tem embaixadores ao redor do mundo como resultado de seu papel na política global."

O líder religioso tem nove títulos, além de papa, segundo o Anuário Pontifício, da Secretaria de Estado do Vaticano. Ele é o bispo de Roma, vigário de Jesus Cristo, sucessor do príncipe dos apóstolos, Sumo Pontífice da Igreja Católica, primaz da Itália, arcebispo e metropolitano da província eclesiástica romana, soberano do Estado da Cidade do Vaticano, servo dos servos de Deus e Patriarca do Ocidente.

Esse último título foi recuperado por Francisco, depois que Bento XVI deixou de usá-lo.

Significa que o papa é a referência da Igreja latina, em oposição à Igreja Ortodoxa Grega. Diferentemente do passado, porém, não há animosidade entre o cristianismo do ocidente e do oriente — os cardeais ortodoxos, inclusive, participam do conclave.

Doutrinas

Além de manter a unidade da Igreja, cabe ao papa ensinar a fé cristã e orientar os fiéis sobre questões doutrinárias e morais. Os direcionamentos vêm em forma de encíclicas, exortações apostólicas, moto-próprio, entre outros documentos elaborados pelo pontífice.

Também cabe ao papa nomear os bispos, que dirigem as dioceses, ou administrações das igrejas locais; nomear beatos e santos, convocar sínodos (reuniões mundiais entre leigos e religiosos), celebrar missas, receber visitas nas audiências. Viajar



Papa Francisco na cerimônia de lava-pés com 12 presos em 2018

é outra tarefa papal: os deslocamentos são uma oportunidade de evangelização e diálogo inter-religioso, por exemplo.

"O papa incorpora uma

síntese única de autoridade intelectual e ação pastoral", diz Miles Pattenden. "Nenhum manual de filosofia se iguala ao impacto visceral do papa

Francisco lavando os pés dos prisioneiros ou abraçando ternamente um homem desfigurado com neurofibromatose", acredita o professor de Oxford.



Tumba do papa Francisco, na Basílica de Santa Maria Maggiore

UMA ESCOLHA *simbólica*

No filme *Conclave*, que retrata com fidelidade os ritos da escolha do pontífice, o fictício cardeal Bellini duvida da falta de pretensões papais do colega Lawrence, e diz: "Todo cardeal já chega para o conclave com o nome escolhido". Se todos os 133 purpurados que participam da escolha do novo chefe da Igreja Católica já têm em mente como querem ser chamados, não se sabe. Mas um deles sairá da votação obrigatoriamente renomeado.

O secular ritual do conclave exige que o ocupante da Catedral de São Pedro adote um nome imediatamente após ser eleito. "Quo nomine vis vocari?", pergunta o cardeal decano, em latim, para saber o nome de pontífice escolhido pelo futuro papa. De Pio a Clemente, passando por

Paulo e Simplício, geralmente a opção é feita com base em critérios como admiração por um antecessor ou desejo de ruptura.

Até a eleição de Jorge Bergoglio em 2013, seus antecessores nos últimos tempos se inspiraram em outros papas. Mas o jesuíta argentino decidiu inovar e respondeu: Francisco. Dias após o resultado do conclave, o novo pontífice explicou em um encontro com jornalistas que seu nome evocava Francisco de Assis, um santo italiano dos séculos 12 e 13, e que ele desejava "uma Igreja para os pobres".

A ideia surgiu após um comentário do cardeal brasileiro Claudio Hummes, falecido em 2022, quando Bergoglio obteve os votos necessários para se tornar papa. "Ele me disse: 'Não se esqueça dos pobres'", contou.

Mercúrio

Embora em teoria os papas possam adotar seu nome de batismo, as trocas começaram em 533 com João II, que se chamava Mercúrio, um deus romano e pagão. O último a manter a alcunha foi o papa Adriano VI, no século 16.

Nos últimos tempos, o principal motivo apresentado para a escolha do nome foi a admiração por papas anteriores, com exceção de Pedro, por respeito ao fundador da Igreja. Em 2005, o alemão Joseph Ratzinger adotou Bento XVI por devoção a Bento XV, o pontífice da paz durante a Primeira Guerra Mundial.

Vinte e sete anos antes, o polonês Karol Wojtyła escolheu João Paulo II como homenagem

a João Paulo I, seu antecessor, que havia morrido pouco antes, após apenas 33 dias de pontificado. Este último, o italiano Albino Luciani, foi o primeiro a adotar um nome composto, em referência aos legados de João XXIII e Paulo VI.

Alguns nomes agora têm conotações negativas, como Pio, devido a Pio XII, a quem alguns historiadores acusam de ter mantido um silêncio cúmplice em relação ao Holocausto dos judeus pela Alemanha nazista. Pio é, no entanto, o sétimo nome mais usado por papas na história da Igreja, atrás apenas de João (21), Gregório (16), Bento (15), Clemente (14), Leão e Inocêncio (13), segundo a lista oficial da Santa Sé. Entre os menos comuns, estão Simplício, Zacarias e Teodorico.